

101 - Tempo de sangria e coagulação em pré-operatório de animais atendidos no Hospital Veterinário da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Paulista

Kolber, M.¹; Chate, S. C.²;
Leite, C. F. S.³

1- Professor responsável pela disciplina de Patologia Clínica da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Paulista, São Paulo-SP

2- M.V. do Hospital Veterinário da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Paulista, São Paulo-SP

3- Coordenador dos Cursos de Ciências da Computação e Sistemas de Informação da Universidade Paulista, São Paulo-SP

Com o avanço dos conhecimentos e da pesquisa em Medicina Veterinária, os exames que precedem as cirurgias têm-se mostrado fundamentais como meio de prevenção de acidentes no trans e no pós-operatório. Entre estes exames estão a determinação do tempo de sangria e do tempo de coagulação, que podem identificar afecções que interferem na cascata de coagulação e que podem permanecer sutilmente assintomáticas. Desta forma, procuramos demonstrar a eficiência, a simplicidade e o baixo custo destes exames e ainda comparar dois métodos de análise para o tempo de coagulação. As determinações do tempo de sangria (Método de Duke) e do tempo de coagulação [método da lâmina e o método do tubo de ensaio (Lee & White)] foram realizadas como exames pré-operatórios em 20 animais da espécie canina sem raça definida, sendo 15 fêmeas e 5 machos, atendidos no Hospital Veterinário da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Paulista, que seriam submetidos posteriormente a diferentes procedimentos cirúrgicos. No exame para a determinação do tempo de sangria, uma orelha de cada animal foi desinfetada com álcool e lancetada com agulha 25x7, sendo neste momento um cronômetro disparado e a cada 15 segundos um papel de filtro Wátman nº 40 era encostado no local da punção, com cuidado de não realizar pressão digital, evitando assim hemostasia; o cronômetro era parado quando o papel de filtro não apresentava mais sangue. Para determinação do tempo de coagulação pelo método da lâmina ou do tubo de ensaio, coletou-se sangue com agulha 25x7 e seringa de plástico sendo imediatamente disparado um cronômetro; uma gota de sangue era então colocada em lâmina de vidro e aproximadamente 2 ml de sangue em um tubo de hemólise; a lâmina foi inclinada a cada 30 segundos e o tubo de hemólise a cada 60 segundos, até a formação de coágulo, tanto na lâmina como no tubo, sendo cada aferição marcada separadamente. Observamos que o tempo de sangria dos animais examinados apresentou resultados normais de acordo com os valores de referência consultados; assim também ocorreu com o tempo de coagulação, porém com a utilização do Teste t (Student), notamos que houve diferença significativa ao nível de 5% ($p < 0,05$) entre os métodos utilizados para determinar o tempo de coagulação, sendo o tempo médio de coagulação da lâmina menor que o tempo de coagulação do tubo, existindo ainda uma forte correlação entre os dois.

102 - Alterações clínicas e cardiopulmonares produzidas pelo envenenamento escorpionico em cães

Cordeiro, F. F.¹; Sakate, M.¹

1- Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Estadual Paulista, Campus de Botucatu, Botucatu-SP

O escorpionismo é um problema comum que acomete países tropicais e subtropicais e que assume grande importância médico-sanitária devido à sua fatalidade sobre aqueles indivíduos mais sensíveis. No Brasil, a principal espécie de escorpião envolvida em acidentes é o *Tityus serrulatus*, sendo que o potencial letal do envenenamento reside nas graves alterações cardiopulmonares que o veneno escorpionico é capaz de gerar. O envolvimento miocárdico

tem sido atribuído à ação do veneno sobre o sistema nervoso simpático com liberação maciça de catecolaminas e/ou à ação direta do veneno sobre os cardiomiócitos, o que levaria a um quadro reversível denominado "cardiomiopatia escorpiônica". O objetivo do presente estudo foi avaliar as alterações clínicas e, com maior ênfase, os distúrbios cardiopulmonares produzidos no envenenamento causado pelo escorpião *T. serrulatus* em cães. Para tanto foram utilizados doze cães sem raça definida, nove fêmeas e três machos, com peso médio de 10 kg. Estes cães foram subdivididos em dois grupos, sendo que os cães do Grupo 1 (G1) foram inoculados com 0,25 mg/kg de toxina escorpiônica (cedida pelo Instituto Butantan) de *T. serrulatus* por via subcutânea e os animais do Grupo 2 (G2) receberam dose de 0,4 mg/animal, dose esta que simularia um envenenamento natural. Estes cães foram considerados controles de si próprios e foram avaliados em cinco momentos distintos: T0-pré-envenenamento, T1-1 h pós-envenenamento (PE), T2-6 h PE, T3-24 h PE e T4-72 h PE. Em todos os momentos foi realizado exame físico para a obtenção de temperatura corpórea, frequências cardíaca e respiratória, tempo de preenchimento capilar e sinais clínicos. Nos momentos T0, T2, T3 e T4 foram realizados hemograma e determinação das concentrações séricas da isoenzima miocárdio-específica CK-MB, análise radiológica de tórax, exame eletrocardiográfico, avaliação ecocardiográfica e mensuração da pressão arterial sistêmica. Os resultados foram discutidos a 5% de significância ($p < 0,05$), sendo os dados quantitativos submetidos à análise de variância e os dados qualitativos submetidos ao teste do Q-quadrado. A ocorrência dos sinais clínicos concentrou-se nas primeiras 24 h pós-envenenamento e foram mais graves em G1. O sinal clínico mais importante em ambos os grupos estudados foi dor no local da inoculação do veneno, acompanhado de vômitos, diarreia, sialorréia, prostração e espirros. O aumento da frequência cardíaca ($p > 0,05$) ocorreu nos momentos T2 e T3 do G1, sendo que um dos animais deste grupo desenvolveu sopro apical sistólico em T2. O aumento da contagem do número de hemácias foi estatisticamente significativo em G1 e no momento T2, o que denota a desidratação ocorrida neste momento e a atividade hemolítica do veneno; e também foram observados a leucocitose por neutrofilia e linfopenia, caracterizando leucograma de estresse e o aumento da atividade sérica de CK-MB, o que revela dano miocárdico. As análises radiográficas demonstraram opacificação intersticial difusa em dois animais de G1 nos momentos T2 e T3. Os exames ecocardiográficos e a pressão arterial sistêmica mantiveram-se normais em ambos os grupos no decorrer dos momentos estudados. Foram ainda resultados de significância estatística as alterações eletrocardiográficas que incluíram inversão da polaridade da onda T e/ou aumento da sua amplitude em T2 e o aumento da amplitude das ondas P e R também em T2, alterações estas que caracterizam mais uma vez a ocorrência de injúria miocárdica nos animais do G1, principalmente. Os resultados, portanto, indicam que a gravidade dos sinais clínicos no envenenamento escorpiônico em cães relaciona-se diretamente à dose de peçonha inoculada. Doses mais elevadas são capazes de gerar agressão cardíaca e doses menores, que simulariam o envenenamento natural, causam quadro de envenenamento leve. Sendo assim, o veneno de escorpião *T. serrulatus* pode ser utilizado como indutor experimental de lesão cardíaca em cães.

103 - Rim policístico congênito em Lhasa Apso

Lustoza, A.C.¹; Silva, S.B.¹

¹- Médica Veterinária contratada do Centro Veterinário Puppy Brasil, Santo André-SP

Rins policísticos são geralmente bilaterais e possuem relatos em gatos Persa, cães da raça Bull Terrier e West Highland White Terrier. O Lhasa Apso, juntamente com os cães da raça Shith Tzu, são descritos na literatura como predispostos a displasia renal congênita. Estes casos congênitos levam a sintomatologia de uma insuficiência renal crônica e apresentam um prognóstico ruim. Um animal da espécie canina, Lhasa Apso, fêmea de 5 meses de idade foi atendido em uma clínica veterinária privada com o histórico clínico de hiporexia, apatia e emagrecimento progressivo há aproximadamente dois meses. Quando questionado, o proprietário também passou a observar poliúria e polidipsia. Ao exame físico o animal